

Diálogos com Amadeo
EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Galeria **Olívia Reis**



FICHA TÉCNICA

Organização:

Galeria Olívia Reis

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Coordenação:

Domingos Loureiro

Olívia Reis

Textos:

Olívia Reis, Domingos Loureiro, Ana Margarida Rocha, Ana Monteiro, Andreia Pereira, Carolina Vieira, Cassandra Pereira, Catarina Real, Daniela Pinheiro, Daniela Ribeiro, David Capela, David Lopes, Fábio Araújo, Filipa Tojal, Joana Patrão, João Pedro Trindade, Juliana Ribeiro, Luís Ferreira, Maria Teresa Rangel, Sabina Couto, Sílvia Salgado, Tiago Madaleno

Design:

Tudo a ver

Edição:

FBAUP

ISBN:

Setembro de 2018

Imagens do artista e das obras de Amadeo Souza-Cardoso:

Public Domain

Sobre as artes

Na comemoração do centenário da morte de Amadeo de Souza-Cardoso, não é despidiendá uma longa citação:

*Numa época em que as artes estão a tornar-se cada vez mais marginais e residuais na materialidade do quotidiano das comunidades, nos programas académicos, nos planos nacionais, em que o humano é alvo de violência viralmente replicada insensibilizadora das sociedades, em que a ética foi substituída pela legalidade, a palavra pelo documento, a confiança pela suspeita, a certeza pela incerteza, (...) contrariando a tendência, despreocupa-se da nova doxa e, não deixando cair os ídolos dos pedestais, olha com recato a intelecção das manipulações e das mistificações e demonstra a percepção da mudança.*¹

Espinho ao pretender celebrar o inconformismo e a prospectiva de Amadeo, apresenta esta plêiade de artistas que interpretam o nosso tempo com o mesmo desassombro do saudoso mestre, refletindo, interrogando e depois agindo, exprimindo-se através da pintura, com um objectivo claro de melhorar o seu meio, através do belo.

A realização de todos, mas com todos, num contexto do ser humano complexo, diverso, numa tensão permanente entre impulso e razão, indivíduo e sociedade, exige do artista outras perspectivas, embora com mais possibilidades, mas com maiores dificuldades, pois apesar das novas técnicas, a sociedade é pluralista, multicultural, obrigando a pintura a ser agregadora, mas como um fator de mudança.

Parafraseando Guilherme d'Oliveira Martins,

(...) era preciso ver o outro lado das coisas, era isso que significava superar o que era vulgar, mesmo que, para desconstruir, fosse necessário partir do que os outros faziam(...)

É isto o que evidencia *Diálogos com Amadeo*.

Voltando a citar Guilherme d'Oliveira Martins,

(...) a recusa das escolas dominantes ou dos grupos instalados, mas sobretudo pretende obter liberdade para seguir a necessidade crítica não acomodada à lógica positivista – de modo a partir dos mitos, a fim de

poder compreender a sociedade e a cultura na riqueza das suas idiossincrasias.

É esta vontade de atuar positivamente com criatividade e através da pintura que estes jovens autores mostram a relevância e o desafio que a arte ocupa individualmente ou em contexto social para o desenvolvimento das civilizações e a transformação e o avanço cultural.

A OR Galeria pretende com esta exposição, mostrar a irreverência e o inconformismo de Amadeo de Souza-Cardoso que estes jovens artistas tão bem interpretam e nos oferecem para fruir.

Olívia Reis
Galerista

Um lugar para Amadeo

Cem anos após o precoce desaparecimento de Amadeo Souza-Cardoso, figura maior do Modernismo, ainda não se escreveram todas as páginas da sua importante história. As recentes exposições em Paris, Lisboa, Porto e Madrid são demonstrativas da capacidade revolucionária do pensamento e da ação do artista de Manhufe e que, infeliz e fatalmente, tem demorado em receber todo o reconhecimento internacional que merece: um pedestal junto de Picasso, Matisse, Modigliani, Pessoa ou Ernst.

Nascido em Amarante, em 1887, parte para Paris aos 19 anos, onde se instala, e rapidamente se assume como uma das mais promissoras figuras da cena parisiense. Amigo de Modigliani, o outro Amadeo que também morre prematuramente mas que felizmente será para sempre aclamado e que terá recebido de Souza-Cardoso grandes influências, muito provavelmente o gosto pelas figuras alongadas que tanto caracterizam o pintor italiano. Amigo de muitas outras personalidades como Brancusi, vulto cimeiro da escultura do século XX; Archipenko; o casal Delaunay; Francis Picabia; Juan Gris; Gertrude Stein, entre outros, bem como dos portugueses Francis Smith e Eduardo Viana.



Amadeo destaca-se entre os pares pela capacidade de reinvenção e rápida progressão, tendo preconizado incursões em diversos estilos que estavam em formação na altura, nomeadamente Cubismo e Futurismo, mas também Surrealismo ou Abstracionismo.

Por isso, não será de estranhar o seu reconhecimento com a participação nas mais relevantes exposições da altura como o *Salon des Indépendants*, em Paris, e o *Armory Show*, em Nova Iorque, Chicago e Boston.

Particularmente relevante é a intersecção que o artista realiza entre uma visão progressista que caracteriza o Modernismo e o contexto rural de onde é originário. Reconhece como temática nas suas pinturas aspetos da cultura nacional, representando elementos da etnografia e ruralidade portuguesa através de linguagens vanguardistas. Esta atitude, que se assemelha à influência da arte tribal junto dos autores do Modernismo é, simultaneamente, uma elegia à natureza mais primitiva da cultura portuguesa. O artista cruza elementos de proveniência erudita com outros de origens mais humildes de forma coerente, mas desconcertante e, assim, absorve as vanguardas através da aclamação das suas próprias origens, promovendo uma profunda reflexão sobre a condição do Ser português, do Ser da ruralidade.

Não será, portanto, de estranhar o caminho paralelo com a obra e o espírito desassossegado de Fernando Pessoa, de Almada Negreiros ou de Eduardo Viana, revolucionários fieis à sua condição cultural, progressistas que reconhecem a cultura de origem como forma intrínseca de narrativa e de linguagem. Poder-se-ia inclusive afirmar que estas qualidades constituem fonte de originalidade e de singularidade perante um contexto fortemente homogeneizado, como aquele que era vivido em Paris do início do século e que, eventualmente



Amadeo Souza-Cardoso, *O parto da viola Bom Ménage*, 1916
Coleção Fundação Gulbenkian, Lisboa

continua a manifestar-se.

Em paralelo, Souza-Cardoso reconhece a pintura como o campo de ação, tendo em vista que inicialmente teria interesse na arquitetura, condição que o leva primeiro a Lisboa e depois a Paris. Provavelmente, a pintura permitia-lhe uma maior afirmação enquanto autor, mas sobretudo, como potência de um profundo diálogo pessoal, onde a superfície funciona como espelho do próprio, da sua cultura e das suas ideologias. A pintura assume-se então como língua e linguagem, como conceito e discurso, como ação e como expressão, como elemento externo e simultaneamente manifestação interior.

Fatalmente, e a exemplo do fado português, Amadeo Souza-Cardoso desaparece prematuramente, em 1918, após contrair febre espanhola. Ao lado de muitos outros exemplos nacionais como Pousão ou Santa-Rita, Souza-Cardoso é vítima de apagamento em corpo e em reconhecimento público. Conjuntura resultante do seu desaparecimento precoce; do contexto familiar muito conservador; do provincianismo português; mas sobretudo da fidelidade de Lúcia Pecetto, viúva do artista, que preservará durante 6 décadas a sua obra, lacrando a existência de tão importante figura. Qual baú de tesouro escondido, as obras e personalidade de

Amadeo ficaram reféns no hermetismo e no desconhecido, até ao final do século XX.

Urge, então, descobrir e dar a conhecer a magnitude da obra e do artista permitindo-nos preencher lapsos da história da arte nacional e internacional, porque, sem qualquer sombra de equívoco, Amadeo foi figura basilar para muitos dos vultos que a história preservou. Merece por isso o lugar nas coleções, nos museus, nas mostras, montras e publicações que se referem ao Modernismo e aos seus intervenientes. Merece principalmente que se lhe seja atribuído o mérito pela sua magnífica e extraordinariamente sólida obra.

A par de Fernando Pessoa, Amadeo Souza-Cardoso, será o artista nacional de maior qualidade não apenas do Modernismo nacional, mas de todo o século XX, situação bem visível na exposição patente no Museo Reina Sofia, em 2018, em que Pessoa é potenciador do pensamento sobre a modernidade em Portugal. Nesta exposição e neste museu, onde podemos observar a *Guernica* de Picasso, mas também Ernst, Dali, Gris, Braque, Matisse, Kandinsky, Klee, entre tantos outros, percebe-se a grandeza e maturidade da obra de Amadeo, ombreando com qualquer dos nomes apresentados. Espera-se, por isso, que rapidamente as suas obras integrem permanentemente esta, como outras, importantes

coleções, de forma a que o lugar de Amadeo não seja mais o de *um artista que infelizmente morreu cedo*, mas o de um sólido e pertinente autor, como efectivamente se comprova.

Certamente, 100 anos passados, o espírito do Modernismo foi-se alterando em *Pós*, *Alter*, *Hiper* ou *Modernidade Líquida*, refletindo a vontade de ultrapassagem que as gerações sucessivas ambicionam perante os seus percursos. No entanto, enquanto motivação, a Arte, continua a ser campo de recorrentes revoluções humanas. Nesse sentido, a exposição *Diálogos com Amadeo* pretende refletir sobre os processos motivacionais dos artistas que procuram conceber as suas próprias revoluções através da arte. É, por esta razão, uma exposição que não procura falar de aparências mas de intenções, onde se tenciona abordar os motivos e as lutas que cada autor realiza como forma de afirmação e expressão identitária e artística.

A Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, instituição central no campo artístico alia-se a esta celebração de Amadeo através da apresentação da obra de alguns dos seus mais ilustres autores, mas sobretudo proporcionando condições para a contínua reinvenção da cultura, da arte e dos artistas. Focada na transmissão de valores e conteúdos, a faculdade, procura responder

aos desafios do tempo, assumindo-se como território de constante intervencionismo, evidente nos mais de 2 séculos de existência.

Assim, foram criteriosamente escolhidos perto de duas dezenas de autores que terminaram a licenciatura em Artes Plásticas, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, nos últimos anos. São autores com linguagens distintas e que, tendo concluído os estudos ou estando a frequentar segundos e terceiros ciclos de estudos, procuram sobretudo a continuidade da sua afirmação como artistas e como intervenientes culturais.

A cada autor foi proposto que afirmasse a sua identidade autoral, potenciando uma reflexão sobre as proximidades e divergências com o espírito do autor celebrado, mas sem nunca se sujeitar a qualquer processo que permitisse ficar aprisionado ao já afirmado campo do artista de Amarante. Desta forma, assume-se a palavra *diálogo* como a base para a exposição, não apenas com o homenageado, como também com o espaço e o tempo em que vivemos, refletindo o que consideramos estar relacionado com o espírito de Amadeo.

Cardoso foi um revolucionário, e como todas as figuras geniais da história, não procurou seguir uma estrada,

mas desbravar novos caminhos num mapa ainda desconhecido. E esse espírito pioneiro é aquele que consideramos ser o mais relevante num contexto cultural, mesmo quando inserido num contexto académico e científico como o da Universidade do Porto. Certamente pode parecer contraditório solicitar a afirmação de uma identidade independente, mesmo transgressiva, num contexto onde a regra e a escola poderiam se sobrepor. Todavia, não poderia ser de outra forma, tendo em vista que a própria instituição deve repensar o seu posicionamento no contexto da sociedade onde se insere, quer académica, quer sobretudo espaço-temporal.

A Faculdade de Belas Artes tem vindo a desenvolver ao longo da sua história uma contínua reflexão sobre o papel e o contributo para a afirmação dos seus estudantes, não apenas na apresentação de conteúdos, mas como plataforma para a consolidação dos projetos de cada um dos seus estudantes e investigadores. A escola é hoje um espaço desformatado que se rege por um princípio basilar, o de que cada ser é a fonte para o desenvolvimento de um plano de formação, e que a instituição deverá proporcionar matérias e ferramentas para a sua progressão e afirmação pessoal. Portanto, para a exposição foram selecionados autores que exemplificam a relevância de uma formação focada nos



Amadeo Souza-Cardoso, *A procissão do Corpus Christi*, 1916
Coleção Fundação Gulbenkian, Lisboa

interesses individuais, em que cada obra/autor corresponde uma linguagem, conceitos, expressão, motivação distintas, afirmando-se singularidade e identidade.

Celebra-se, desta forma a vida e obra de Amadeo promovendo um pensamento sobre a importância da conjuntura pessoal para o desenvolvimento de linguagens e atitudes vanguardistas, e afirmar o sujeito perante a imensidão do contexto social, cultural, geográfico.

100 anos passados, celebra-se a juventude de Amadeo e a sua imensa ambição de intervir e colaborar na afirmação da arte e da pintura. Celebra-se o homem, através de autores que, com menos de 30 anos, compreendem e partilham do espírito revolucionário do seu antecessor.

Celebra-se tudo aquilo que foi alcançado, valorizando e confirmando a solidez do projeto artístico de cada um dos autores, que à semelhança de Souza-Cardoso deixaram que a sua natureza pessoal se manifestasse como forma de contributo para um pensamento transversal, o de que cada Ser é parte de um Todo.

Desta forma, celebra-se no local onde o homem Amadeo não resistiu, Espinho, a potência do espírito de Amadeo, promovendo uma reflexão sobre os percursos, motivações, ações e intervenções de tantos espíritos que, através da pintura, ambicionam afirmar e agir perante uma sociedade em constante reformulação.

Resta-nos pensar na importância de viver cada momento como uma etapa de um processo de revelação pessoal, onde conhecer e conhecer-mo-nos estão intrinsecamente ligados. Doravante, espera-se que Amadeo Souza-Cardoso ocupe o seu pedestal, mas principalmente, que estejamos sempre atentos a todos

aqueles que, na sua busca e dedicação, procurem encontrar o seu lugar na história da arte, para que não se passe quase um século para tentar recuperar o merecido lugar.

Esta exposição é, neste sentido, uma celebração de Amadeo, mas também da Ana Margarida, da Ana Monteiro, da Andreia, da Carolina, da Cassandra, da Catarina, da Daniela Pinheiro, da Daniela Ribeiro, do David, do David Lopes, do Fábio, da Filipa, da Joana, do João, da Juliana, do Luís, da Teresa, da Sabina, da Sílvia, do Tiago, e de todos os estudantes e autores que encontram na arte a sua forma de afirmação e de diálogo com o mundo.

A todos, e em especial, à Olívia Reis, deixo o meu pessoal agradecimento.

Domingos Loureiro

Professor Auxiliar do Departamento de Artes Plásticas da Universidade do Porto, na Faculdade de Belas Artes

Membro integrado do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade

ANA MARGARIDA ROCHA
ANA MONTEIRO
ANDREIA PEREIRA
CAROLINA VIEIRA
CASSANDRA PEREIRA
CATARINA REAL
DANIELA PINHEIRO
DANIELA RIBEIRO
DAVID CAPELA
DAVID LOPES
FÁBIO ARAÚJO
FILIPA TOJAL
JOANA PATRÃO
JOÃO PEDRO TRINDADE
JULIANA RIBEIRO
LUÍS FERREIRA
MARIA TERESA RANGEL
SABINA COUTO
SÍLVIA SALGADO
TIAGO MADALENO

ANA MARGARIDA ROCHA

Mapa Estratigráfico III
Aquatipia a óleo sobre acetato de celulose
200x110 cm
2018

Paisagens aéreas

A história da aviação e, por consequência, a disseminação da vista aérea, marcou profundamente a nossa cultura visual e a forma como vemos o ambiente em que vivemos. Nasceu, assim, um dos principais vectores de expansão, o desejo de mobilidade, que levou à construção de um espaço global visualmente abrangente, através do qual, graças às tecnologias digitais contemporâneas, é agora possível navegar. Visualizações de imagens observadas da janela do avião, quando fazemos uma viagem mais longa; imagens de satélite, proporcionadas por serviços de mapeamento on-line, como o Google Earth; ou a disponibilização de conteúdos visuais das missões espaciais da NASA, ocupam lugar na nossa memória visual. Numa condição deslocada, o olhar captura aparições não quotidianas do mundo, imagens planas, horizontais, improváveis, escalas não perceptíveis, estando o corpo na terra, revelam padrões, tornam-se abstractas. Tornamo-nos voyers estéticos em extraordinárias viagens de exploração de novos territórios espaciais.

Nasceu no Porto em 1990. Licenciatura em Artes Plásticas, Ramo Pintura, FBAUP (2012). Mestrado em Pintura, FBAUP (2014). Bolsa de Investigação NOVA.ID.FCT, na Unidade de Investigação VICARTE - Vidro e Cerâmica para as Artes, grupo de investigação Contemporary Materials and Creativity (2015-2016). Trabalhou como assistente técnica na FBAUP nas áreas oficiais de cerâmica, vitral e mosaico (2016-2017). A frequentar o Doutoramento em Artes Plásticas na FBAUP, como bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Linhas de investigação: o vidro como suporte para a pintura e gravura, na arte contemporânea.



ANA MONTEIRO

The faith of you
120x80 cm
Óleo e grafite sobre tela
2017

Procura de satirização de um universo metafórico onde os símbolos do sagrado nos chegam quotidianamente, muitas vezes ocultos nos alicerces da nossa construção cultural e identidade, esta obra pretende assumir-se como uma desconstrução dessa mesma simbologia, tão visível como sub-reptícia, transformando esses mesmos símbolos do sagrado à luz do quotidiano e colocando o indivíduo, real, como manifestação máxima do intangível.

Desta forma, o "eu", que nos surge em primeiro plano, assume um carácter tanto de fragilidade como de onipotência e dialoga, de forma indirecta, com os elementos da pintura, tais como a dominância da cor branca ou a alusão ao manto da virgem, reconfigurado sob a forma de um objecto utilitário e mundano.

Todos os elementos da pintura procuram, desta forma, construir uma pequena narrativa: uma metáfora do ideal sacro de purificação espiritual, através de um acto do quotidiano onde o indivíduo, despojado de configurações religiosas, procura compreender-se a si mesmo, mistério supremo de toda a extensão da sua existência.

Vive e trabalha em Braga. Mestrado e licenciatura em Pintura pela FBAUP; EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS: (2018) *Flatland* - Espaço Exibicionista. Lisboa, (2016) *Desidentidades* - Ap'arte Galeria. Porto; *Bojador* - Museu Nogueira da Silva. Braga (2015) *Dust to Dust* - Fórum Cultural de Ermesinde; (2014) *Do Amor e Outros Demónios* - Ap'arte Galeria. Porto; (2012) *Narciso* - Museu Nogueira da Silva. Braga (2011) *Pela Raiz* - Posto de Turismo de Barcelos. EXPOSIÇÕES COLECTIVAS: (2018) *Pop Corn* - Espaço Exibicionista - Lisboa; (2017) *30x30* - Galeria Acervo. Lisboa; Colectiva-ShairArt. Braga, *Les uns et les autres* - Ap'arte Galeria. Porto; *Colectiva de Artistas Contemporâneos* - Ap'arte Galeria. Porto; *Os Novos Paradigmas da Arte Contemporânea* - Piola - Jardins. São Paulo; *Encontros* - Museu Memorial da América Latina. São Paulo; *A Mágica da Mobilidade* - Consulado de Portugal. São Paulo; *Ano das Artes Brasil em Portugal e Portugal no Brasil* - Ap'arte Galeria. Porto; *Em Suma* - Museu FBAUP (2012) *Match Point* - Galeria do Palácio, Porto; XXV Salão de Primavera / Prémio Rainha Isabel de Bragança - Galeria de Arte do Casino Estoril; *Bienal Internacional de Arte Jovem de Vila Verde* (2011) *Sobre o Corpo* - Casa-Museu Guerra Junqueiro. Porto



ANDREIA PEREIRA

Princípio
Acrílico e óleo sobre tela
70x70 cm
2018

Onde acabam e começam as imagens

Há uma ideia de um caminho desconhecido que é percorrido, que me cerca e se torna parte de mim, que figura os meus gestos, palavras e sensações, retidos e justapostos na minha memória. Que ganham novas configurações e realidades distintas.

Desbravo à procura, afasto folhagens e tomo diferentes direções sem rumo por caminhos que não conheço, que não sei onde ou como vão acabar. E o distante torna-se próximo, emergido numa sensação de o já ter visto, sentido e vivido.

Encanto-me. E por isso procuro representar o “estar lá”, a imprevisibilidade e espontaneidade do natural. Mas o que resta são fragmentos, restos do que acho que conheço.

Andreia Pereira (n.1994). Natural de S. Paio de Oleiros. Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Em 2018 participa na exposição “No Interior” na Casa da Cultura, Museu da Escola de Ribeira de Pena. Integra a exposição “Prolepse” em oMuseu, na Fbaup. Em 2017 colabora no *International Congress on Contemporary European Painting*, FBAUP. No mesmo ano, expôs e pertenceu como membro da comissão organizadora da exposição “Não é sujo, é nevoeiro!”, oMuseu, Fbaup, Porto.

Em 2016 participa na exposição “Imagens do Corpo Interior” no Museu Anatómico do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto.



CAROLINA VIEIRA

St. Jude
Acrílico sobre tecido
100x125 cm
2018

*And I'm learning, so I'm leaving
And even though I'm grieving
I'm trying to find the meaning
Let loss reveal it
Let loss reveal it*

St. Jude, the patron saint of the lost causes

A prática da pintura desenvolve-se através da adoção de um olhar introspectivo que tenta perceber o contexto do lugar de onde se vem para depois poder embarcar numa jornada em direção a uma representação consciente da paisagem. Assim, e recorrendo ao papel desempenhado pelas ilhas no imaginário universal ou da sua figuração na Literatura, na História ou nas Artes, constroem-se imagens que são tanto lugares imaginados, como são reais. Imagens que utilizam a paisagem como intenção ou como narrativa.

Funchal, 1994. Licenciada em Artes Plásticas (2012-2016) pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, frequenta atualmente o Mestrado em Pintura na mesma instituição.

EXPOSIÇÕES: 2018- *Orvalho III*, Silo Espaço Cultural, Porto; 2017- *Boa Hora*, Museu da FBAUP, Porto; 2016- *(dis)closer to the end*, Museu da FBAUP, Porto; 2016- *Projeções 2016 - O Desenho da FBAUP*, Lugar do Desenho - Fundação Júlio Resende, Gondomar; 2016- *Sem título. Técnica mista. Dimensões variáveis.*, Galeria Gerales da Silva, Porto; 2016- *Pro-Aesthesis*, Hospital da Prelada, Porto; 2016- *XXIX Salão de Primavera*, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril; 2016- Museu de Ovar, Ovar; 2015- *303 Ímpar*, Galeria Gerales da Silva

PRÉMIOS: 2016- Vencedora do Prémio Rainha Isabel de Bragança no XXIX Salão de Primavera do Casino Estoril; 2016- Vencedora do Prémio Carmen Miranda 2016



CATARINA REAL

Da série Sentido (coreografia)

Guache sobre papel

Dimensões variáveis

2015-16

foto: António Jorge Silva

A estrutura-linguagem, num complexo conflito interior, cria espaço para a anulação das prisões gramaticais e procura rápidas no priberam: a língua pertence ao corpo. O Sentido, no que vai para além do significado, prende-se na mediação pelo próprio corpo: no processo de incorporação da linguagem, ao nos tornarmos palavra, apreendemos entres (o espaço entre o corpo e o código que aloja o Sentido).

Esta série de trabalho parte desses entres.

Tentativas de chegar mais perto do Sentido, através dos gestos de mediação incorporados no próprio corpo: o corpo escreve já sem dizer, o que não significa escrever sem comunicar, mas estar mais perto das intensidades da língua. Há um futuro em que linguagem pode tornar-se num fazer uso das intersecções, já sem restrições estruturais.

Barcelos 1992. Com um foco multidisciplinar, o seu trabalho reúne prática e teoria, e está profundamente relacionado com projectos colectivos, afectivos e colaborativos. Encontra-se de momento a desenvolver projectos em colaboração com José Costa, Luís Vicente e Tiago Madaleno, Catarina Cubelo, Ângelo Cid Neto, David Revés, Nuno Gonçalves e Lorraine Druon que vão da curadoria à coreografia. No seu percurso recente assinala as residências em Espaço do Tempo, Espaço Alcantara, Artistes en Residence, Appleton Square, Companhia Instável, Fórum Dança; as exposições individuais *com um passo na mesma direcção mantemos a mesma distância*, espaço painel, Porto 2017; encontro dobrado em três: *Sentido, uma densidade mais leve que o ar/ estar público durante um tempo / círculo entrópico*, SOL PELE, Guimarães 2017 e a peça ensaio *nu / enlace entre pensamentos*, em colaboração com Ângelo Cid Neto, Teatro Municipal do Campo Alegre, Porto 2018.



CASSANDRA PEREIRA

Everyday
Óleo sobre tela
200x176 cm
2018

A Natureza é uma rede e um organismo pulsante que quando começa a definhar todas as partes são prejudicadas. De tal forma que a proteção deste complexo ecossistema, repleto de inúmeras formas de vida, deve ser um objetivo comum a todos, ainda que a atualidade se tenha transformado num caleidoscópio de situações extremas que desestabilizam por completo o equilíbrio ambiental. Encontra-se aqui presente a ideia de um ciclo de perda, recuperação, destruição, que se desencadeia quer na transformação quer em regeneração. Os conceitos de degeneração e auto-regeneração incorporam esse ciclo por intermédio da representação de registos e ações, fruto de forças de destruição assombrosas, nomeadamente os incêndios que consumiram parte da floresta em Portugal a 15 de Outubro de 2017. Estes troncos são o que restou de algo que um dia foi repleto de vida e apresentam-se ao espectador como retrato de marcas de um passado quase semelhante a um cataclismo. Não é um pano de fundo passivo, é um grito mudo. São formas e sombras que habitam num solo nu que sustenta frágeis corpos que oscilam na incerteza da sobrevivência.

Cassandra Pereira; Nasceu 1996 em São Paio de Oleiros, Portugal. Licenciada em Artes Plásticas, Ramo de Pintura pela FBAUP. Em 2017 colaborou no *International Congress on Contemporary European Painting*, Faculdade das Belas Artes, Universidade do Porto. Foi, também no mesmo ano, membro da Comissão Organizadora e Comissão Editorial da exposição *“Não é sujo é nevoeiro”*, oMUSEU FBAUP. Participou na exposição *“Não é sujo, é nevoeiro!”*, Curadoria de Sofia Torres, oMUSEU, Faculdade das Belas Artes, Universidade do Porto (catálogo). Em 2018 integrou nas exposições coletivas *“No Interior”*, Curadoria de Domingos Loureiro, José Carlos Paiva e Nuno Faria Costa, Casa da Cultura Museu Escola, Ribeira da Pena; *“Specularis - Looking Through”* Comissariado por Graciela Machado e Teresa Almeida, Museu de Alberto Sampaio, Guimarães.



DANIELA PINHEIRO

Sobre Forma
Óleo s/tela
81,5x161,5 cm
2018

A Pintura apresenta-se como um meio de comunicação, que muitas vezes é associada a representações miméticas ou à criação de imagens que permitem o confronto com uma realidade social envolvente. No entanto, a Pintura pode existir, de igual forma, como um reflexo de si mesma, como uma reprodução autónoma da sua própria dinâmica. A cor, a linha e o formato compõem e edificam essa mesma realidade auto-suficiente.

A minha prática pictórica desenvolve-se no interior desta perspetiva auto-referencial da Pintura. A estrutura geométrica, que antecede o cromatismo a óleo, é, ao longo do processo pictórico, constantemente repensada e reorganizada através da sobreposição de várias camadas translúcidas de cor. Plano sobre plano, as diferentes formas relacionam-se em hierarquias de contrastes cromáticos ou subtis diferenças tonais. O processo é aleatório e assenta num diálogo constante com os constituintes formais da própria Pintura: a linha e a cor. Por conseguinte, neste processo intuitivo de sobreposições, um sentido de síntese, de simplificação e de redução ao essencial envolve-se com Pintura, como sistema autónomo e auto-suficiente de signos.

Natural de Batalha, Leiria, Daniela Pinheiro nasceu em 1994. Em 2016 licenciou-se em Artes Plásticas, no ramo de Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Atualmente, encontra-se a frequentar o Mestrado em Pintura, na mesma instituição. Até ao momento foi distinguida com quatro Menções Honrosas e, entre outras exposições em 2018, conta com: “Vidrio Artístico Contemporâneo en Portugal”, Museo Tecnológico del Vidrio, Real Fábrica de Cristales de la Granja, Segóvia (Espanha); “Deslocamentos Poéticos”, Sala de Exposições Angelita Stefani (UNF), Santa Maria, Rio Grande do Sul (Brasil) e “Artes Plásticas Tradicionais e Artes Digitais – O Discurso da (Des)ordem”, XX Bienal Internacional de Arte de Cerveira, Fórum Cultural de Cerveira (Portugal).



DANIELA RIBEIRO

Farol do molhe de Felgueiras. 10:26h, 19 Julho '18
Acrílico e tecido cosido sobre lona
78x120 cm
2018

Silencioso à distância, isolado, assinala a linha de costa. O longo caminho dá sinais dos efeitos de erosão que o tempo provocou. Rachado, fragmentado, corroído. Já próximo, as paredes da torre hexagonal aparentam desgaste. Estão escuras e húmidas. A sua altura obriga a olhar para cima, onde o vermelho da lanterna e do varandim há muito se transformou num tom ferroso. Sobre nós, o céu cinzento cai. Sente-se o cheiro a mar... Lá no fundo, o bater das ondas contra as pedras faz-se ouvir, dando-nos um tempo ritmado, como de um relógio se tratasse. É altura de voltar. Outrora essencial à navegação, são as ações da chuva, do sol, do calor e do frio, do mar, que cobrem agora toda a estrutura com um coloris de descoloração. É uma grisalha que o tempo impôs ao farol.

Nasceu em 1994. Licenciada em Artes Plásticas - Ramo de Pintura, FBAUP (2016). A frequentar o 2º ano de Mestrado em Pintura na mesma instituição. Entre as exposições coletivas, destaca:

[2018]- "Specularis - Look Through" - Museu Alberto Sampaio, Guimarães | "Vidrio Artístico Contemporâneo en Portugal" - Museo Tecnológico del Vidrio, Espanha; | 2017]- "Contemporâneos VI - Vidro Artístico Contemporâneo Português" - Museu do Vidro, Marinha Grande | Boa Hora - Museu FBAUP; [2016]- "(dis)closer to the end" - Museu FBAUP | "XXIX Salão de Primavera/ Prémio Rainha Isabel de Bragança" - Galeria de Arte do Casino Estoril, Lisboa (Menção Honrosa).



DAVID CAPELA

Nostalgia Advance – Auto-retrato 1 e 2
Tinta acrílica sobre tela
50x50 cm (cada)
2018

Objetos que me retratam melhor do que o meu próprio corpo. As gavetas da memória foram abertas e desarrumadas pela nostalgia da infância. Numa cama poeirenta de obsolescência tecnológica, descansam consolas de videojogos, objetos (quase) tribais, outrora alvos de uma utilização diária. Da transição (in)temporal do passado para o (omni) presente, surge a necessidade de perpetuar uma tradição da “Gen Z”, assim como uma vontade de parar o tempo.

Nascido a 1996 em Portugal, é Licenciado em Artes Plásticas, ramo Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. As suas pinturas procuram evocar uma atmosfera romântica, melancólica e nostálgica, criando paralelismos entre o quotidiano e o fantástico. As personagens e objetos presentes nas obras visam construir novas interpretações acerca de questões sociais e convidam o espectador a invadir o universo privado do artista. Participou em exposições coletivas como; “Não é sujo, é neveiro” (2017) curadoria de Sofia Torres, oMuseu FBAUP, Porto, “Prolepse” (2018) curadoria de Domingos Loureiro, oMuseu FBAUP, Porto, “As fotografias e o resto” (2018) curadoria de Susana Lourenço, oMuseu FBAUP, Porto.



DAVID LOPES

O vermelho é o ícone de Marte desde a Antiguidade. Pela proximidade à órbita da Terra, é possível detectar o planeta no céu sem o telescópio. Os egípcios chamavam-lhe 'desher' que significa 'o ser vermelho' e os Romanos deram-lhe o nome do deus da guerra, em analogia à cor do sangue.

A opinião mais consensual dentro da comunidade científica explica que Marte deve a sua cor à grande quantidade de óxido de ferro que existe enquanto poeira sobre o solo do planeta. Não se sabe exactamente porque é que Marte tem tanto pó, mas com frequência ocorrem tempestades de areia de grande magnitude, que cobrem a terra e levantam o pó para atmosfera. Estas condições são responsáveis pelo aspecto homogeneamente vermelho da paisagem marciana.

As primeiras fotografias a cores da paisagem de Marte foram capturadas pela NASA em 1976. Pela primeira vez que foi possível ver Marte como um território horizontal dividido entre céu e terra. Até então, as imagens mais próximas seriam fotografias aéreas da topografia sobrevoada à distância. Não é estranho notar que Edmund Burke identifica a distância como parte do fenómeno na experiência do sublime. A distância converte aquilo que é ameaçador - o horror e a tragédia - e o que é arrebatador - o vasto e o infinito - numa imagem comportável à visão, a possibilidade da contemplação.

S/ título (sobre Marte)

Verniz-mole sobre fundo de aguarela s/ papel hahnemühle

43x45,5 (prova)

2017

Porto, 1993. É estudante universitário da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Encontra-se atualmente a terminar o Mestrado em Desenho e Técnicas de Impressão. Em 2016, licenciou-se em Pintura (2016) pela mesma Instituição.

O seu trabalho debruça-se sobre a matéria da impressão e na relação híbrida com as áreas do desenho e da pintura. As suas linhas de exploração plástica brotam das características materiais e processuais dos objectos - e que conduzem também o estímulo poético para a produção do seu trabalho autoral. Participa em exposições colectivas regularmente desde 2015.

Paralelamente interessa-se por investigação na área artística, tendo já participativo em três projetos de investigação na área da gravura; em 2017, foi orador no encontro de Investigação Jovem da Universidade do Porto e vem sendo associado a publicações feitas em contexto académico, relacionado com o temas descritos.



FÁBIO ARAÚJO

Oscilações

Acrílico, pigmento, carvão, pedra negra e pó de
mármore sobre pano cru cosido
150x100 cm
2018

Assombros

Com este trabalho pretendo abordar questões ligadas à identidade, fragmentação e multiplicidade onde referências e simbolismos provenientes da história da arte e do quotidiano aliam-se na criação de um trabalho enigmático e misterioso....

A recolha de um conjunto de vídeos e fotografias servem como forma de registar e documentar uma série de eventos performáticos inseridos em pequenas narrativas não-lineares por mim realizadas. Esses eventos servem como ponte de passagem, como meio para a realização e surgimento deste trabalho, funcionando como um vestígio e registo de um acontecimento/ação que não nos é apresentado e ao qual o espectador não tem acesso.

Existe um diálogo constante entre o registo, o suporte, o gesto e a intenção. Há o querer fazer e refazer, o riscar, o apagar, o rasurar e o voltar a riscar. O trabalho encontra-se em constante mudança, oscilando, entre o real e o fictício, entre a certeza e a incerteza na representação da figura, do espectro, do corpo que aparenta cobrir e simular. A sua identidade permanece oculta, enigmática e intrigante.

As respostas para as perguntas colocadas mantêm-se ocultas, fora do olhar e do alcance do espectador. Este apenas poderá supor ou interrogar-se, tirando as suas próprias conclusões.

Nasceu a 21 de maio de 1996. Licenciado em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, ramo Pintura.

Expõe coletiva e individualmente desde 2012, podendo citar a exposição individual Quando a Luz não se quer apagar...(2018) na Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira, e as exposições coletivas Projeções2017 no Lugar do Desenho na Fundação Júlio Resende e Prolepse (2018) no oMuseu da FBAUP. Participou em diversos prémios e projetos, entre os quais: o Prémio Jovens Talentos Luso-Galaicos, na XII Bienal de Pintura Eixo-Atlântico (2017);o Prémio Joaquim Afonso Madeira, Ex-Aequo, na 8ª Bienal de Pintura de Pequeno Formato (2017).



FILIPA TOJAL

Reação V
76,5x108 cm
Óleo e pigmentos s/papel
2018

Recorrendo a técnicas sejam ocidentais como orientais e meditando sobre as diferenças entre estes dois mundos, os trabalhos apresentados são experiências de reação aos impulsos de todos estes confrontos. Numa dedicação constante ao universo pictórico da pintura, as simples linguagens da pincelada, do movimento e da cor propõem uma meditação visual e conceptual cercando a temática da natureza e da paisagem e de tudo o que poeticamente lhe pode estar associado.

A sugestão e a atmosfera / A sugestão da atmosfera:
o infinito que provém de algo que é apenas sugerido.

Freamunde, 1993. Terminou a Licenciatura em Artes Plásticas, Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Viveu temporariamente em Londres (Inglaterra) e em Piemonte (Itália), tendo-se mudado para o Japão, onde vive e trabalha desde 2016.

Premiada com a bolsa de estudo Monbukagakusho, proveniente do governo japonês.

É neste momento aluna do mestrado de Pintura da Universidade de Artes de Tóquio.

Expõe ocasionalmente seja em Portugal como no Japão.



JOANA PATRÃO

A montanha ondulante
Tinta calcográfica solúvel em água, ponta seca
sobre chapa de alumínio
40x200 cm
(imagem e pormenor)

A investigação artística que tenho desenvolvido parte de um estudo da Paisagem enquanto processo – de encontro natural a construção simbólica. Da componente transformativa na natureza, procuro traduzir uma prática mutável, que encontra no Mar o motivo da fluidez criativa.

Aqui, assumindo como estímulo inicial um “diálogo” com Amadeo, procurei o cruzamento da minha experiência/sensibilidade com uma paisagem vivida pelo artista. O “movimento ondulatório das montanhas” (expressão utilizada por Helena de Freitas para se referir à paisagem de origem de Amadeo, evocando o modo como esta surge nas suas primeiras pinturas paisagísticas) traz, então, o mote deste trabalho. Mais do que uma procura de identificação pictórica procurei estabelecer um diálogo através de uma série de binómios-chave: montanha/água; desenho/mancha; cristalização/dinamismo; instantaneidade/simultaneidade.

Partindo de vistas da serra do Marão, da sua reorganização e reconstrução através do desenho, o meu gesto percorre e modela a paisagem em pormenor. Pelas suas dimensões, também o observador é convocado a percorrer a paisagem.

Lemos nas cartas de Amadeo uma natureza sempre dinâmica e a necessidade de transpor a sua vitalidade para a tela. A utilização de uma superfície espelhada convoca a luz como elemento ativo, que altera a superfície pictórica constantemente, reagindo ao seu ambiente, sobrepondo paisagens.

Barcelos, 1992. Mestre em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto com “A Paisagem enquanto experiência. Mar: Imersão e Viagem”(2016). Em 2015 estudou Visual Culture and Contemporary Arts na Aalto University, Finlândia (Erasmus) e foi selecionada para o workshop Adaptations - Utö. Site, Stories and Sensory Methods, HIAP, Finlândia. Participou na residência artística “Laboratórios de Verão”(2017), gnration, Braga e Feinprobe Honigsüss 7 (2014), Wbmotion, Alemanha.

Expõe regularmente desde 2014, destacam-se: “Orvalho III”, Silo-Espaço Cultural, Porto; “Incerta Desambiguação” (2017), Galeria Zaratan, Lisboa; “Sobre a noite cósmica”(2017), gnration, Braga; “Immersion”(2015), ADD.Lab, Espoo, Finlândia e “sem”(2015), Galeria Painel, Porto.



JOÃO PEDRO TRINDADE

Impressão de um saco plástico sobre papel de alumínio
95x55 cm
2018

Pressionando um objecto contra uma superfície, esvaziando o ar que os separa, forçamos o seu contacto e estabelecemos a semelhança. Como resultado desta acção, é possível que o papel de alumínio se liberte da função que normalmente lhe está destinada e se transforme numa superfície capaz de receber uma imagem - uma imagem que resulta de um contacto efectivo e que preserva a forma do objecto no momento em que ocorreu a acção.

Aveiro, 1990. Vive e trabalha na cidade do Porto, onde se licenciou no curso de Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Tem vindo a colaborar em projectos de desenvolvimento e divulgação cultural como a Painele, entre os anos de 2012/2014, integrando actualmente a equipa dos projectos Nartee e Sismógrafo.

Enquanto autor, tem vindo a fazer uso dos meios como a pintura, escultura e instalação na investigação e produção do seu trabalho.

Exerce funções na companhia de Teatro de Marionetas do Porto enquanto assistente de produção oficial, desde o ano 2016.



JULIANA RIBEIRO

Passado e presente #3
Linha costurada em linho
188x152 cm
2016

Converter o negativo em positivo

Procurando perceber tudo o que está subjacente a uma marca física presente no corpo, parte-se de uma cicatriz existente no corpo da autora para a construção do objeto, surgindo de um contexto autobiográfico, um acidente de viação que quase lhe amputou o pé.

Assim, a marca deixada no corpo, que tem à partida uma conotação estética e psicológica negativa, é revertida em algo positivo, através do modo como é assumida e compreendida pela autora, passando a ser encarada como elemento identitário, distintivo e potenciador da produção artística.

As potencialidades tácteis da matéria e técnica associadas ao têxtil permitem a ampliação das sensações e interpretações, onde os procedimentos exercidos são análogos aos da confecção de vestuário ou aos procedimentos cirúrgicos na cirurgia plástica de reconstrução.

Estes, são objetos que permitem descodificar um pouco da autora, mas principalmente de todos os que se apresentam perante as suas obras, porque, certamente, todo o espectador será portador de alguma marca física ou psíquica que deseja ocultar do resto do Mundo e certamente, ficamos a perceber, que as memórias traumáticas colaboram mais para a nossa definição identitária do que as boas.

Nasceu no Porto, em 1989. Formada em Design de Moda, pela Escola de Moda do Porto, desde 2008. Licenciou-se em Artes Plástica – Pintura, na FBAUP, em 2013. É Mestre em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, desde 2016.

Apresenta com regularidade o seu trabalho individualmente e em coletivo desde 2007, nacional e internacionalmente. Venceu em 2013 o prémio de Jovem Talento Luso-Galaico, na X Bienal de Pintura do Eixo Atlântico e este ano uma Menção Honrosa no 16º Concurso Aveiro Jovem Criador.

Das exposições individuais salientam-se:

2016 - "Corpo Marcado", Museu FBAUP;

2015/16 - "A Memória no Corpo", Fórum Cultural de Ermesinde.

Das exposições coletivas:

2017 - XIX Bienal Internacional de Arte de Cerveira;

2016 - CONTEXTILE, Bienal de Arte Têxtil Contemporânea;

2013 - X Bienal Eixo Atlântico.



LUÍS FERREIRA

Conspiração
Óleo sobre tela
150x200 cm
2018

Os problemas e as consequências provenientes do sistema de regras de conduta denominado como “politicamente correcto” começam cada vez mais a surgir e aumentar numa velocidade preocupante.

Os indivíduos são doutrinados a seguir pensamentos preconcebidos, desprezando as suas capacidades de análise e de formação dos seus próprios pensamentos.

Na Rússia, um departamento de hackers informáticos dedicou-se á criação de contas falsas nas redes sociais de forma a transmitir propaganda com o propósito de influenciar as políticas mais pertinentes do mundo. Foram criadas fotografias falsificadas com o propósito de promover propaganda política anti-muçulmana, a favor do Brexit ou da candidatura presidencial de Donald Trump.

A pintura apropria-se de uma dessas fotografias, repetindo a cena, mas novamente reinventada com novas personagens. A acção em si não é clara, passível de múltiplas interpretações, interpelando o espectador. A obra procura reflectir sobre a forma como recebemos informação e até que ponto podemos considerar aquilo que vemos como verdadeiro.

Natural de Oliveira de Azeméis. Tem 22 anos.

Em 2018 licenciou-se em Artes Plásticas, no ramo de Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

EXPOSIÇÕES:

2017- *Não é sujo, é nevoeiro*, oMUSEU FBAUP

2018- *Concurso de Pintura*, Museu José Malhoa, Caldas da Rainha (Menção Honrosa)

2018- *Prolepse*, oMUSEU FBAUP



MARIA TERESA RANGEL

Não Me Testes

Acrílico, carvão e folha de ouro s/ tela

100x150 cm

2018

Este trabalho funciona como o resultado processual de uma série de trabalhos de índole catártica.

Num redescobrimento da própria identidade, acabo por encontrar algo mais, ou melhor dizendo: mais alguém.

Maria Teresa Janeiro de Seabra Rangel tem 23 anos e é natural de Viana do Castelo. Estuda Artes Plásticas na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Participou em exposições colectivas como “Não É Sujo, É Nevoeiro” (2017, FBAUP, Porto, Portugal) e “Prolepse” (2018, FBAUP, Porto, Portugal). Colaborou no Congresso Internacional de Pintura Contemporânea Europeia (2017, FBAUP), e na Semana das Camélias organizada pela Câmara Municipal do Porto; (2017).



SABINA COUTO

Energia que convoca I e II
Acrílico sobre papel
100x70 cm (cada)
2018

A criação artística aqui desenvolvida é estimulada/convocada pela natureza que desperta uma necessidade de caminhar pela floresta e um envolvimento direto com as matérias que esta contém. A floresta é percebida através de todos os sentidos e a partir de um corpo que se envolve, sente, aproxima, afasta e enfrenta esse lugar, que nos comove e atinge fisicamente e mentalmente. Experiência que estabelece uma relação formal e conceptual no diálogo entre o autor e a matéria, e entre a matéria e a paisagem. É uma vivência de conforto, proteção e simultaneamente de confronto, na qual estão presentes experiências passadas que fazem parte de nós e do próprio espaço. Assim, o lugar contém algo que é essencial, na qual há uma relação de maior contato, desde a forma como se envolve, como é percorrido e sentido. Tudo isto possibilita uma relação de proximidade, intimidade e ligação com a natureza, promovendo um processo de forte componente espiritual, espaciotemporal e fenomenológico. Sendo a intenção, essencialmente exprimir a partir do desenho/gesto uma experiência pessoal com a natureza, a sua energia e essência.

Nasceu em 1993, Marco de Canaveses e trabalha no Porto. Licenciada em Pintura, 2015 e Mestre em Pintura na FBAUP, 2017. Workshop em sand casting: VICARTE, 2015 e de maçarico no Cencal da Marinha Grande, 2018. Menção honrosa no Prémio Cármen Miranda, Marco de Canaveses, 2016 e o Prémio de Mérito Viana de Lima, Esposende, 2018. Exposições: 2018, "Internamente" Hospital da Prelada, Porto; "Deslocamentos Poéticos" Sala Angelita Stefani, Brasil. 2017, "A essência da Matéria" Museu FBAUP; "Contemporâneos VI"; "Bordalo Pinheiro 170 Anos Depois" Museu do Vidro, Lisboa; 2016, Museu Municipal Cármen Miranda; "Insert Mobility", CEiA _ Matosinhos; 2015, "Vê lá se me apanhas" Museu FBAUP; "Extra Vaza Mente" Palacete Pinto Leite; "Oh! UAU!" Fórum Cultural de Ermesinde. 2014, "Pausa" Edifício AXA, Porto; 2012, "Premissas e Primícias" Museu FBAUP; 2009, Museu Amadeo de Sousa Cardoso, Amarante;



SÍLVIA SALGADO

Metamorfose
Óleo sobre tela
140x105 cm
2018

Como conciliar o Homem e a Natureza na pintura, procurando entender a forma como se relacionam?

Metamorfose surge da relação que se estabelece entre estes, fundindo o primeiro com a paisagem, permitindo que se torne parte indispensável da segunda, sendo esta o espelho das nossas emoções, ações e pensamentos. Nesta obra, procura-se defender a Natureza com elemento fundamental à vida do Homem, explorando a sua relação simbiótica.

Ao atribuir um rosto humano à paisagem, esta ganha as características dos homens, ouve os seus lamentos e murmúrios, lança-lhe olhares de condenação e mágoa, e a pele outrora lisa e plácida do rosto humano ganha veias troncosas e folhagens joviais. Homem e Natureza tornam-se inseparáveis, duas pulsações que batem incessantemente por um futuro incertamente certo do planeta e da vida

Sílvia tem 22 anos. Em 2018 licenciou-se em Artes Plásticas, no ramo de Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Participou nas exposições “Não é fumo, é nevoeiro!”, oMUSEU FBAUP, 2017, e “Prolepse”, oMUSEU FBAUP, 2018.



TIAGO MADALENO

Dedicado a Natália de Andrade

Óleo sobre tela

74,5x117,9x2 cm

2018

Esta pintura surge no decorrer do projecto *Dedicado a Natália de Andrade* (2016-...), que consiste em utilizar elementos biográficos da vida da cantora lírica amadora Natália de Andrade para idealizar e realizar um evento performativo – a construção de um monumento público de homenagem.

Como parte da pesquisa elaborada para o projecto, esta pintura advém de uma fotografia tirada na intimidade do seu lar para uma reportagem num jornal. Explorando a falta de qualidade da imagem, a dificuldade em perceber muitos dos elementos que nela aparecem, e um fenómeno de opacidade que parece estar sempre associado a Natália de Andrade – em que a encenação, a performance, nunca se separa da figura – esta pintura recorre à simulação para reencenar novamente uma visita àquele espaço que já não existe, para promover um gesto de encontro com a cantora. Apropriando-se das características fotográficas presentes na imagem – o excesso de pixéis, a possibilidade de um foco luminoso, um ponto de vista enviesado – a pintura promove a construção de um discurso efabulatório, narrativo, através da tentativa de trazer definição para a imagem, através da atribuição de realidade a um conjunto de manchas e formas indefinidas.

Vila Nova de Gaia, 1992. Mestre em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto com o projecto “*Clepsidra - Imagem, Documento e Acção*” (2016). Vencedor do prémio Novo Banco Revelação 2017. Expõe desde 2013, destacando-se as exposições individuais - “*Clepsidra*” (2017-2018), Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto; “*Do Sopro para o Caule*” (2016), Lugar do Desenho, Gondomar – e as mostras e exposições colectivas - “*Bom Caminho Errado*” (2018), decorrente da residência artística No Entulho #01, Otiima Artworks, Póvoa do Varzim; “*,”* (Vírgula) (2016), Galeria Painel, Porto. Entre 2015-2016 integrou a direcção do projecto curatorial “*Galeria Painel*”.



